

A EXPERIÊNCIA NA EJA PARA A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE LETRAS

Hanna Chiapetta Portella Magalhães (UERJ)
hanna_magalhaes@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho visa a mostrar a contribuição da vivência em turmas de EJA para a formação do profissional de letras; como a observação e a coparticipação podem ampliar a visão do estudante de letras, tornando-o mais consciente de seu papel profissional, de seus deveres, de sua influência na vida dos alunos e de sua participação fundamental na formação de cidadãos críticos, capacitados a entender o papel da língua na vida em sociedade, ou seja, a perceber que contribuições o desenvolvimento linguístico oferece ao aluno a fim de fazê-lo compreender o mundo que o cerca. É na tarefa de escolher estratégias eficientes para o ensino de língua portuguesa que faça sentido para os alunos que se encontra o maior privilégio e, ao mesmo tempo, desafio para o universitário que observa e atua em turmas de EJA. Com o professor, preocupa-se em desenvolver aulas que estimulem a inserção ou reinserção do alunado na sociedade e, com isso, amplia sua capacidade de mediador do conhecimento. Relatando atividades realizadas nas turmas de jovens e adultos e refletindo sobre elas, o trabalho pretende mostrar o crescimento dos futuros professores de língua materna, quando experimentam a prática docente nessa modalidade. A par das condições e das necessidades de um grupo diverso nas características e nos objetivos, o aluno-professor busca promover aulas que articulem teoria e prática mais significativas. Assim, habilita-se para entender e para exercer suas funções em qualquer modalidade de ensino.

Palavras-chave: EJA. Letras. Formação profissional.

1. Introdução

O trabalho objetiva demonstrar como a vivência na Educação de Jovens e Adultos (EJA) contribui para a formação do estudante de Letras, que atividades experimentadas pelos futuros professores podem modificar sua prática docente, ampliando-a, aperfeiçoando-a e a tornando mais crítica. Baseia-se, pois, em uma experiência vivida nas turmas de

EJA do curso noturno do Colégio Santo Inácio, no desenvolvimento do projeto *Ler, Refletir, Expressar: uma proposta de ensino da Língua Portuguesa para a educação de jovens e adultos* (UERJ/FAPERJ).

Atuar em turmas de EJA significa primeiramente ensinar com a preocupação de que os conhecimentos façam sentido para os alunos, para que vejam a necessidade dos conteúdos em suas vidas, a função dos saberes. Isso se torna uma questão vivenciada pelos professores de EJA todos os dias e se desdobra em muitas outras: o que ensinar e como ensinar? O que ensinar dentre tantos conceitos e saberes que não fizeram parte da vida de nossos alunos e provavelmente não farão? Como ensinar, dentre os assuntos selecionados, aproximando o cotidiano e o trabalho dos alunos de sua prática em sala de aula?

Na tentativa de responder a essas questões o professor da EJA vai aceitar o desafio de reinventar suas aulas, muitas vezes, mudando sua postura como docente. Nessa perspectiva, alguns professores contam com as ideias “fervilhantes” de alunos que ainda estão na academia e que examinam possibilidades, tentando elaborar sua prática.

Ao se deparar com as especificidades do alunado da EJA, o estudante de graduação se prepara, buscando um ensino diversificado que atenda aos diferentes perfis, logo, toma para si as questões dos professores dessas turmas e aprende a lecionar, questionando a funcionalidade e a aplicabilidade dos conhecimentos por eles transmitidos.

Quando se trata do ensino de língua portuguesa, o assunto se amplia pela própria função da disciplina, já que ensinar língua materna é de certa maneira conscientizar, estimular a leitura do mundo, a compreensão de textos, promover a discussão e provar a relação da língua com a vida social e, por isso, ampliar as condições de participação na sociedade. Um professor precisa estar ciente de seu papel e não negligenciar as consequências de uma prática eficiente ou não.

Desse modo, serão elucidados aspectos que tornam a prática na EJA um diferencial para os estudantes, por meio de fragmentos de experiências vividas que tentam responder às questões anteriormente citadas.

2. Relação da língua portuguesa (gramática, produção de textos e leitura) com a vida em sociedade

Um dos principais temas tratados nas aulas de Língua Portuguesa da EJA é sua relação com a vida em sociedade, há uma dedicação dos professores em inserir ou reinserir o aluno no meio social, lhe dando condições de compreender o mundo. Como exemplo, pode-se citar a postura de uma professora para ensinar o texto dissertativo-argumentativo: ela não sistematizou a tipologia textual, preocupando-se apenas em transmitir a estrutura de forma dissociada da realidade dos alunos; ao contrário, escolheu o tema *eleições*, de cunho polêmico, e solicitou aos alunos que procurassem argumentos dos candidatos a governador do Rio de Janeiro, trazendo suas propostas para sala de aula, uma por aluno e, com base nos argumentos utilizados, a professora explicaria o texto dissertativo-argumentativo. As propostas serviram para mostrar a estrutura do texto: introdução, desenvolvimento e conclusão, bem como para ensinar tese e argumentos.

Além de explicar a tipologia textual, a professora conseguiu promover um debate sobre eleições, priorizando o subtema educação, em que os alunos puderam dar suas opiniões, argumentar, questionar e aprofundar seus conhecimentos sobre o assunto.

Relacionar o ensino de língua materna ao exercício de cidadania deve ser um dos objetivos principais do professor, porque possibilita que seu estudo faça sentido para os alunos. Essa experiência é um exemplo para o futuro professor que muitas vezes não sabe como mostrar ao aluno a funcionalidade do que ensina, o que pode ser ainda mais grave quando o próprio aluno-professor não o sabe.

Esse capítulo em muito se aproxima aos capítulos 3 e 4, principalmente, quando se trata da língua na perspectiva do uso. Tratar o ensino de língua sob tal prisma é mostrá-la em seu funcionamento e conseguir despertar nos alunos o interesse pelo seu estudo.

Para exemplificar com situações do dia a dia na EJA, pode-se citar como foram ensinados aspectos das classes gramaticais, começando pelo som, proveniente do uso para depois se chegar à teoria, diferenciando, por exemplo, “esta, está e estar”; “trás e traz” etc.

A forma de explicar gramática também é um fato que merece atenção, a questão foi levada para o cotidiano: a professora mostrou que em tudo há regras a fim de estabelecer o bom convívio e o funcionamen-

to de instituições, de empresas, da família, do trabalho, entre outros; por isso, a gramática é um conjunto de regras que mostra o funcionamento de uma língua. Isso foi feito para que refletissem sobre a necessidade de regras. Estabeleceu um paralelo com as regras gramaticais que funcionam para organizar, facilitar o entendimento, estabelecer a comunicação etc.

Os próprios alunos perceberam as vantagens de se poder acessar à gramática, a qual facilita o entendimento sobre os assuntos que a professora está tratando; compararam-na à tabuada, regras que facilitam o entendimento de assuntos mais complexos.

Dessa maneira, o aluno-professor aprende como ensinar gramática de forma mais natural, sem que seja um “trauma” para ele e para os alunos. Não é preciso fugir do termo *regra*, mas mostrar sua necessidade para o funcionamento de setores da sociedade.

3. *Valorização do conhecimento de mundo*

A valorização do conhecimento de mundo é um dos temas-chave quando se trata a educação de jovens e adultos, já que o alunado se compõe em sua maioria por pessoas que não puderam estudar ou que tiveram seus estudos interrompidos, necessitando enfrentar desafios para estar na escola, dentre eles, um dia inteiro de trabalho.

A idade dos alunos da EJA é variável, mas geralmente há muitos adultos e idosos, os quais possuem larga experiência de vida. Essa experiência não se pode ignorar; ao contrário, deve ser aproveitada para que os alunos se sintam inseridos em sala de aula, contribuindo com seus conhecimentos e aprendizados.

O aluno da EJA necessita de um espaço nas aulas para compartilhar suas vivências e cabe ao professor possibilitar que os conteúdos ministrados dialoguem com elas, sem que isso seja prejudicial.

Uma prática comum nas aulas de língua portuguesa era a professora permitir que os alunos relatassem suas histórias em produções textuais, indagando-lhes sobre o que pensavam acerca da escola, da família, do emprego etc.

Também se servia de situações cotidianas e objetos comuns para explicar a sistematização da língua, como por exemplo, as classes de palavras ilustradas pela figura de uma cômoda em que cada gaveta guarda uma classe, exercendo uma ou mais funções. Cabe salientar as obser-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

vações sobre a classe das conjunções, comparadas a roupas, usadas conforme a ocasião, o momento e a ideia que se quer expressar.

O trabalho com jornais também deve ser observado, utilizado para explicar o gênero notícia. Como o aluno se depara com jornais em seu cotidiano, desenvolve certo interesse por esse veículo de informação. A professora, então, expôs tipos diferentes de jornais e mostrou por meio da linguagem o tom de cada jornal e a que público se dirigia.

Ainda falou que um dos seus objetivos como docente era que os alunos, ao se depararem com um texto, se interrogassem sobre seus propósitos, analisassem sua linguagem.

Depois de debater sobre os objetivos dos jornais, sua linguagem e seu público-alvo, mostrou sua organização: os cadernos, as reportagens e as notícias e, por último, explicou a estrutura do gênero tematizado na aula: a notícia. Solicitou como trabalho que os alunos pesquisassem uma notícia publicada no ano de seu nascimento, se possível no dia e mês. Para fazê-lo, poderiam utilizar a sala de informática e a biblioteca da escola, ambas com um número satisfatório de recursos. Desse modo, conseguiu despertar o interesse pela pesquisa, já que todos quiseram saber o que aconteceu no ano de seu nascimento, aplicando os conhecimentos aprendidos em sala de aula, pois precisariam achar uma notícia, o que implicava saber as características do gênero, responder as perguntas do lide, a fim de compartilhar as informações recolhidas com a turma.

É importante observar o caminho traçado pela docente, a qual priorizou o olhar crítico sobre os fatos narrados para que entendessem a estrutura do gênero de modo aplicado, dentro do veículo de informação, mostrando, novamente, a língua em funcionamento, além de estimular a curiosidade por estabelecer relação entre suas vidas e o conteúdo ensinado. Essa dinâmica serve como exemplo para o graduando, que pode, inclusive, usá-la no ensino regular, buscando uma participação maior dos alunos em suas aulas.

4. Espaço para o diálogo entre variedade padrão e popular

Um ponto importante nas salas de EJA é a abertura dada para se dialogar sobre variedade padrão e popular; embora seja recomendável tratar esses assuntos nas aulas de língua de todas as modalidades de ensino. Na EJA se torna uma necessidade. Isso acontece porque alguns alu-

nos utilizam a variedade popular, devido ao próprio histórico de não escolaridade e, às vezes, sofrem ou sofreram preconceito por isso.

Tematizar esse assunto, abrindo espaço para o debate livre é importante para desconstruir estereótipos e medos em torno da língua, bem como para esclarecer o significado de língua, variação e mudanças. Muitos alunos acreditam que não sabem o português, porque simplesmente utilizam uma variedade que não é padrão ou porque sempre ouviram comentários negativos de familiares, amigos e colegas de trabalho. Cabe ao professor mediar as reflexões, mostrando que muitas estruturas linguísticas não usadas no cotidiano, aparecem em contextos específicos, tais como textos acadêmicos, textos bíblicos, textos literários etc.

Os professores abordavam a questão do uso, mostrando que as variedades usadas pelos alunos são somente possibilidades de usar a língua, conscientizavam que a modalidade padrão é a prestigiada pela gramática, o que não implica que as outras estejam erradas, apenas não têm o mesmo prestígio. Também falavam sobre o valor da norma padrão, evidenciando que utilizar as regras da gramática não significava ser melhor que as pessoas que não as usam, mas obter uma comunicação com mais clareza.

As observações permitiam-nos ver a naturalidade com que era tratado o assunto: os alunos podiam contar experiências suas, momentos de tensão e vergonha vividos pelo desconhecimento da variedade padrão, entre outras situações.

Também se diferenciavam as modalidades escrita e falada para assim mostrar por que determinadas construções não eram aceitas ou mal vistas nas redações se, entretanto, podiam ser faladas; ou, ao contrário, estruturas presentes em textos literários que, no entanto, não se evidenciavam no uso, caso exemplificado em sala de aula pelas mesóclises.

Era indispensável validar a variedade usada por esses alunos e mostrar outras, referentes à idade, sexo, lugar para que pudessem se sentir inseridos e entendessem que já sabem sua língua. Vão à escola para aprender outra modalidade, a prestigiada pela gramática e, por isso, importante para se comunicarem em qualquer situação discursiva.

A reflexão sobre a língua fora do meio acadêmico é essencial para os alunos de graduação em letras, porque formam um retrato da realidade. Eles se deparam com as concepções de língua de um público o mais diversificado possível, desde jovens que ainda moram com os pais, passando por adultos que encararam o mercado de trabalho, julgando não

saber sua própria língua até idosos que achavam que nunca iriam dominá-la.

5. A EJA motivando a prática docente

Tema de grande relevo na educação de jovens e adultos é a motivação que o alunado tem para estudar e como valorizam os professores e o processo educacional.

Como o público na EJA é composto em sua maioria por pessoas que não puderam estudar e que exercem as profissões de porteiros, empregadas domésticas, seguranças, cuidadores de idosos etc., dão muita importância à educação, percebendo a necessidade real dos conhecimentos em suas vidas. Assim, cada momento em sala de aula precisa ser aproveitado nos mínimos detalhes e todas as atividades propostas pelos docentes são recebidas com empolgação e disciplina.

A relevância dada à leitura também é exemplar. Os alunos liam os textos selecionados, comparavam as histórias narradas com as suas, se interessavam por participar de discussões.

Os estudantes de graduação que vivenciaram experiências nessas turmas se relacionavam com alunos que não só os respeitavam como também os admiravam, vendo-os como exemplos a ser seguidos. Entendiam a participação dos alunos-professores como uma contribuição à sua formação, pois estando ali, aplicando conhecimentos discutidos na universidade, os futuros professores também ampliavam as possibilidades em sala de aula e com o professor testavam teorias e desenvolviam atividades.

Ao ser recebido por turmas altamente interessadas que se mostram conscientes do papel da educação e de sua falta em suas vidas, o profissional de letras se sente profundamente motivado a continuar, lutando para que seja valorizada. Percebendo sua responsabilidade na vida desses alunos, entende que pode servir como instrumento na sua formação crítica, na desconstrução de preconceitos e no estímulo, fazendo com que acreditem novamente em si mesmos.

Além de proporcionar ao profissional de letras a oportunidade de ver um ensino de língua consciente, contextualizado e amplo, relacionado aos princípios de cidadania, a experiência na EJA contribui com a

imagem que esse profissional tem de si mesmo, sentindo-se valorizado e motivado por um exemplo de educação que dá certo.

6. *Considerações finais*

As questões que inquietam professores de turmas de EJA são transmitidas aos professores em formação, os quais entendem que nem todos os conteúdos fazem sentido e são aplicáveis nessa modalidade de ensino. Aqueles coerentes com uma proposta dialógica devem ser ensinados de maneira contextualizada, valorizando as experiências trazidas por esses alunos.

O futuro professor pode dialogar os conhecimentos científicos que estuda na academia com a vivência na EJA, mesclando teoria e prática, testando possibilidades, reavaliando currículos e aplicando atividades em conjunto com os professores.

A partir disso, o profissional de letras vivencia um ensino de língua portuguesa ideal, tornando sua prática docente mais abrangente, buscando estratégias e maneiras para aplicar os conteúdos, pensando na realidade dos alunos, em suas especificidades, habilidades e dificuldades, conhecimento de mundo, dentre outras características que diferenciam a EJA.

O futuro docente pode, ainda, retirar experiências a ser incorporadas ao ensino regular, pois não se restringem à educação de jovens e adultos; ao contrário, funcionam como modelos de um ensino de língua contextualizado, perspectivando a língua em funcionamento a fim de despertar o interesse dos alunos e fazê-los entender o sentido de se estudar na escola sua língua materna.